

Letras e Poder: o microcosmo literário na cidade de Natal (1894-1900)

Maiara Juliana Gonçalves da Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Natal – Rio Grande do Norte – Brasil

maiara_juliana@yahoo.com.br

Resumo: Na virada do século XIX para o século XX, a cidade de Natal experimentou um importante desenvolvimento cultural, conduzido por grupos de intelectuais com suas produções culturais, seja por meio da (pouca) publicação de livros, seja por meio das colaborações nos periódicos em circulação. O grêmio literário “Le Monde Marche” (1894) e *Polymathico* (1897) eram duas das agremiações que reuniam os homens de letras responsáveis pela produção cultural na capital potiguar. O objetivo desse artigo é analisar a constituição e atuação desses grupos literários no universo literário natalense (1897 a 1900). Assim pretendemos discutir as proximidades, os conflitos, as articulações e as posições sociais ocupadas por esses grupos no espaço social dos produtores culturais na cidade de Natal.

Palavras-chave: espaço social; microcosmo literário; Le Monde Marche; Polymathico; Natal.

A Primeira República constituiu a época do florescimento das letras potiguares. A cidade de Natal vivenciou um período de produções culturais a partir do ano de 1894, no governo de Pedro Velho (1892-1896). As produções no universo das letras na República Potiguar foram promovidas por grupos de intelectuais que publicavam livros e colaboravam com seus escritos na imprensa. Uma parcela considerável desses grupos mantinha relações de proximidades com a oligarquia Albuquerque Maranhão¹; outra, encontrava-se à margem das relações com o grupo político da esfera estadual.

No fim do século XIX, a cidade de Natal experimentou um ânimo intelectual. Havia quatro agremiações literárias: o grêmio literário “Le Monde Marche”, o grêmio *Polymathico*, o “Congresso Literário” e o grêmio “Castro Alves”. Os quatro grupos atuaram na publicação de periódicos voltados para a produção literária, sendo esses,

¹ A oligarquia dos Albuquerque Maranhão foi consolidada a partir do ano de 1892, quando Pedro Velho foi eleito governador do estado do Rio Grande do Norte. A oligarquia foi constituída por ocupações sucessivas do cargo de governadores por irmãos, genros, amigos do governador do Rio Grande do Norte, sendo ocupada respectivamente por: Ferreira Chaves (1896-1900), Alberto Maranhão (1900-1904), Augusto Tavares de Lyra (1904-1906), Antônio José de Melo e Souza (1907-1908), Alberto Maranhão (1909-1913). Em 1914, Ferreira Chaves assume o cargo de governador do estado e quebra a presença da oligarquia Maranhão no poder. A oligarquia Maranhão também se estendeu a ocupação dos cargos políticos de senadores e deputados. Para maiores informações sobre o grupo oligárquico na República, ver: SOUZA, Itamar de. *A República Velha no Rio Grande do Norte* (1889-1930). Natal/RN: editora da EDUFRN, 2008.

respectivamente: Oásis (1894), a Revista do Rio Grande do Norte (1898), A Tribuna (1897) e O Íris (1897). No entanto, apesar da atuação como produtores culturais, a consagração no universo das letras natalenses só era alcançada mediante as relações de amizade, parentesco ou apadrinhamento com o grupo político pedrovelhista. Sendo assim, ainda que esse conjunto de homens letrados desempenhasse o papel de produtores culturais, distinguiam-se mediante a ocupação de posições distintas no espaço social literário na cidade de Natal.

O objetivo deste artigo é analisar dois dos grupos que atuavam no universo literário na República potiguar durante os anos de 1897 a 1900: o grêmio “Le Monde Marche” e o grêmio *Polymathico*. Dentre outras agremiações culturais – entre elas, o grêmio *Castro Alves* e o *Congresso Literário*. Optamos por trabalhar os grupos literários “Le Monde Marche” e o *Polymathico* a fim de discutir uma estratificação no universo literário natalense. Buscamos identificar a atuação desses agentes no campo cultural, seus conflitos e suas posições sociais estabelecidas de acordo com bens, interesses, práticas, visões de mundo, e, principalmente, as relações estabelecidas com o grupo político dominante norte-rio-grandense. O recorte temporal estabelecido nesse artigo (1897 a 1900) diz respeito ao período em que as duas agremiações literárias coexistiram e atuaram no universo literário. Em outras palavras, pretendemos pensar aqui o espaço social dos produtores e as produções culturais na cidade de Natal.

De acordo com Bourdieu (2011), o *espaço social* é o conjunto de posições sociais distintas coexistentes definidas ora por relação de proximidade, ora por distanciamento. Propondo-se a estudar a França nos anos 1970, Bourdieu busca pôr à prova as noções de espaço social em pesquisas teóricas e empíricas inseparáveis. Segundo o autor, o espaço social é formado por agentes sociais que se encontram esparzidos nesse espaço de acordo com a distribuição dos capitais simbólicos (BOURDIEU, 2011a, p. 15). No diagrama do espaço social que apresenta na obra *Razões Práticas*, Bourdieu identifica a existência de agentes sociais distribuídos nesse espaço e ocupando posições distintas de acordo com seus capitais². No diagrama, podemos perceber uma retradução das posições sociais pelo *habitus*, que faz com que determinadas práticas, bens, maneiras não sejam exclusivas de posições sociais

² No diagrama “Espaço das posições sociais e espaços dos estilos de vida (modelo simplificado e reduzido do diagrama das páginas 140-141 de sua outra obra *A distinção*)”, Bourdieu distribui os agentes sociais no espaço de acordo com o volume de capital global acumulado. Para o autor, o capital cultural e o capital econômico são os principais tipos de capitais para organizar os agentes sociais em quatro quadrantes assim distribuídos: maior capital cultural; menor capital econômico; menor capital cultural; maior capital econômico. Para consultar o diagrama, ver: Ibid. p. 20.

específicas. O *habitus*, segundo Bourdieu, encontra-se ligado a uma posição de um estilo de vida, tem a ver com opiniões, maneiras de expressá-las.

Inseridas nas discussões de *espaço social* e *habitus*, interessa-nos aqui a lógica relacional que Bourdieu constrói para discutir o espaço social dos produtores culturais: o *microcosmo literário*. De acordo com o autor, o *microcosmo literário* insere-se dentro do espaço social apresentando suas leis e estruturas próprias³. Discorrer sobre os conceitos de Bourdieu nos estimula a pensar o espaço social dos produtores culturais nos primeiros anos da República potiguar. Pretendemos analisar o microcosmo literário natalense entendendo-o como espaço de articulações entre posições de agentes sociais e suas relações de força que objetivam conservar ou transformar as regras, alianças, leis, interesses estabelecidos dentro desse microcosmo por meio de estratégias específicas. O microcosmo literário possui suas leis próprias, portanto é preciso compreender o funcionamento do campo para assim poder compreender as mudanças nas relações entre escritores e literatos no espaço social de produção cultural natalense.

Observemos a composição do espaço social dos produtores culturais na República potiguar. Em 1894, surgiu na cidade de Natal o primeiro grêmio literário intitulado “Le Monde Marche”, inspirado na frase do deputado Eugène Pelletran⁴. O grêmio publicou a revista literária denominada *Oásis*. Segundo Pedro de Melo (2006, p. 17), o grêmio “Le Monde Marche” era “formado por um grupo de intelectuais mais jovens e mais pobres, estimulados por um anseio de vencer”. Os jovens do “Le Monde Marche” movimentaram a pacata vida cultural na cidade com a publicação da revista literária *Oásis*, recheada de colaborações textuais destinadas ao pequeno público admirador das letras em uma sociedade com baixo índice de alfabetização.

Três anos mais tarde surgiu na cidade o grêmio *Polymathico*. Fundado em 1897 sobre a presidência do governador Antônio José de Melo e Souza, entre outras, uma figura potiguar que mantinha relações de parentesco, amizade ou apadrinhamento com o grupo político Albuquerque Maranhão. O grêmio *Polymathico* foi contemporâneo do grêmio “Le Monde Marche”. Um ano depois de sua fundação, assim como os jovens da *Oásis*, o *Polymathico* colocou em circulação na cidade a *Revista do Rio Grande do Norte*, editada e impressa nas oficinas do jornal *A República*⁵. A análise dos grupos literários

³ Ibid. p. 67

⁴ “Le Monde Marche”, traduzido como “o mundo avança”, é uma expressão inspirada na frase do deputado francês Eugène Pelletran. A frase diz respeito ao pensamento político e intelectual do francês em sintonia com o moderno. Pelletran adquiriu notoriedade na França como escritor e no ensino público durante o período da Revolução Francesa. A utilização da frase de Pelletran pode indicar uma circulação cultural, em que ideias francesas chegam à cidade do Natal do fim do século XIX. Conferir: GURGEL, Tarcísio. *Belle époque na esquina: o que se passou na República das Letras Potiguar*. Natal/RN: editora do autor, 2009. P. 120.

⁵ *A República* foi um jornal fundado por Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, para servir de órgão divulgador das ideias republicanas no Estado no ano de 1889. O primeiro número de *A República* circulou no

“Le Monde Marche” e *Polymathico* nos permite discutir acerca do *microcosmo literário* da capital potiguar. Quem eram os membros desses grupos? Que posições ocupam no universo das letras da cidade de Natal? Que aproximações interpõem-se na relação entre os dois grupos? Que práticas, percepções, bens, interesses, estratégias os distanciam?

Letras impressas e poder

Na virada do século XIX para o século XX, as produções de obras culturais encontravam dificuldades no que diz respeito às publicações, além de apresentarem baixas tiragens, e nenhum lucro (GURGEL, 2009, p. 12). As mudanças técnicas ocorridas em Natal – no que diz respeito à chegada de novas máquinas tipográficas na cidade – estimularam o crescimento da imprensa na cidade. A imprensa que já havia se estabelecido na urbe natalense desde 1832, com a publicação do jornal *O Natalense*⁶, encontrava-se desenvolvida no século XX apresentando um considerável número de periódicos em circulação e oficinas tipográficas na cidade. O desenvolvimento da imprensa afetou os tipos de produção dos grupos dos intelectuais norte rio-grandenses, uma vez que os homens de letras passaram a recorrer a publicações nos periódicos buscando encontrar no jornal a notoriedade que não lhes eram concedidas.

No entanto, durante a Primeira República, os periódicos natalenses eram alvos de disputa de grupos políticos (MICELI, 2001, p. 53). Desde o ano de 1832, o jornal em Natal está ligado ao poder e sua configuração, seja ela a grupos políticos dominantes na época do Império, seja relacionado aos grupos políticos oligárquicos, durante o governo republicano. O fato é que na República potiguar, um jornal era

dia 1º de Julho de 1889. Até a proclamação da República espalharam-se vinte edições, todas à segunda-feira ao preço de cem réis. Com a chegada de Pedro Velho ao poder, A República constituiu-se como o principal órgão do governo oligárquico natalense. Possuía oficina própria e contava com a colaboração de personagens notáveis ligadas ao grupo dominante do governo do Estado. Para maiores informações, conferir: FERNANDES, Luiz. *A Imprensa periódica no Rio Grande do Norte* (1832 a 1908). Fundação José Augusto: Sebo Vermelho, 1998.

⁶ O Rio Grande do Norte só despertou para a vida na imprensa em 1832. Nesse ano fundou-se no estado o primeiro jornal intitulado *O Natalense*, devido aos esforços do PE. Francisco de Brito Guerra. No entanto, devido à inexistência de uma tipografia na Província, o jornal foi impresso, sucessivamente, no Maranhão, no Ceará e na Província de Pernambuco. Em 2 de Setembro de 1832, o jornal passou a ser impreso na Tipografia natalense montada na capital. Para mais informações, consultar: FERNANDES, Luiz. *A Imprensa periódica no Rio Grande do Norte* (1832 a 1908). Fundação José Augusto: Sebo Vermelho, 1998.

forçosamente o porta-voz de grupos oligárquicos, seja daqueles que estavam no poder, seja dos que estavam momentaneamente excluídos dele. Esse trabalho de celebração das oligarquias materializava-se em toda uma série de rubricas, comentários políticos, notas apologéticas e biográficas acerca das grandes figuras da oligarquia, artigo de fundo, e, sobretudo, os editoriais (MICELI, 2001, p. 57).

Os jornais *A República* (1889) e *Diário do Natal* (1895) correspondiam, respectivamente, ao periódico da oligarquia Albuquerque Maranhão e ao grupo de oposição encabeçado pelo professor Elias Souto e atuaram no governo republicano como difusores das visões de mundo e interesses de grupos políticos. Assuntos políticos eram a tônica das matérias na imprensa da cidade de Natal. Identificamos o jornal *A República* e *Diário do Natal* como periódicos que compunham a “Grande Imprensa”⁷ de Natal, ou seja, de jornais de temas políticos ligados a uma empresa estruturada, com uma maior duração e que se traduzem como porta-vozes de grupos dominantes.

Podemos afirmar que o florescimento das letras potiguaras foi proporcionado pelas colaborações de escritos nos periódicos que circulavam na cidade. Mesmo que os periódicos na cidade de Natal fossem de cunho político, o jornal *A República*, por exemplo, veiculou crônicas, poesia e outros gêneros literários produzidos pelos escritores potiguaras que compunham os quadros da redação ou que atuavam como colaboradores do órgão político pedrovelhista. Foi também por meio dos impressos que os grêmios literários “Le Monde Marche” e *Polymathico* puderam veicular seus escritos e construir uma reputação de escritores nesses periódicos, sobretudo, a segunda associação literária que obteve maior reconhecimento.

O grêmio “Le Monde Marche” publicou o primeiro número da revista literária *Oásis* em 9 de Setembro de 1894, sob a presidência de Alfredo Carvalho, Benevuto de Oliveira (redator-chefe) e mais dois membros da comissão de redação: José Próspero e Carlos L’Eraistre. Embora a revista literária tivesse durado uma década – publicada de 1894 a 1904, os periódicos que compunham a pequena imprensa apresentavam uma vida efêmera. Aparentemente independente no que diz respeito à edição e impressão do periódico, os membros da revista *Oásis* possuíam um escritório de redação próprio⁸ onde publicavam a revista quinzenalmente ao preço de 1 mil contos de réis a

⁷ Grande imprensa e pequena imprensa são uma divisão estabelecida por Max Luclerc ao traçar o quadro da imprensa no Brasil no início da República. Enquanto a grande imprensa possuía uma empresa estruturada, maior duração e traduziam-se como porta-vozes de grupos oligárquicos, os jornais das pequenas imprensas eram transitórios e resultado de obra de poucos. Para maiores informações, ver: SODRÉ, Nelson Werneck. A grande imprensa. In: *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro (RJ): civilização brasileira S.A, 1966. P. 287-447.

⁸ O escritório da revista literária *Oásis* era localizado na Rua da Conceição, número 44, no bairro da Cidade Alta.

assinatura trimestral. A revista dizia-se “alheio às questões políticas sendo o seu objetivo principal a instrução”⁹. O grêmio e a redação do jornal eram compostos por alunos do colégio secundarista *Atheneu Norte rio-grandense* e dos cursos superiores da Bahia, Recife e Rio de Janeiro¹⁰. Os membros do “Le Monde Marche” eram homens letrados, mas que estavam distantes dos cargos políticos do governo pedrovelhista, ocupando, portanto, posições a margem das relações com o grupo político dominante.

O grêmio *Polymathico* publicou em fevereiro de 1898 a *Revista do Rio Grande do Norte*, sob a presidência de Antônio José de Melo e Souza¹¹. A revista era redigida pelo fundador Antônio de Souza e ainda por Manoel Dantas, Alberto Maranhão, Auta de Souza, Henrique Castriciano, Meira e Sá, entre outras personalidades que mantinham laços de parentesco e amizade com o grupo político pedrovelhista, quando não faziam parte desse mesmo grupo ocupando posições de governador e vice-governador – é o caso dos governadores Antônio de Souza e Alberto Maranhão e do vice-governador Henrique Castriciano. Mesmo com a existência da revista *Oásis*, a *Revista do Rio Grande do Norte* “veio ocupar o lugar de honra nas letras potiguares” (MELO, 1971, p. 51). No número publicado em 17 de Fevereiro de 1898, *A República* anunciava entusiasmadamente a circulação da *Revista do Rio Grande do Norte*.

Somos de algum modo suspeitos para dar nosso juízo sobre a Revista do Rio Grande do Norte, porque ela é filha d'A República. São os mesmos redatores das duas publicações. A Revista do Rio Grande do Norte não desonra o Estado a que se consagrou, estamos certos¹².

Com a redação localizada na rua Dr. Barata, número 5, e impressa na mesma tipografia d'*A República*, a *Revista do Rio Grande do Norte* era “filha” do jornal porta-voz do grupo oligárquico de Pedro Velho. Como podemos identificar, os redatores do periódico *A República* (Manoel Dantas, Henrique Castriciano e Antônio de Souza) encontravam-se a frente da agremiação *Polymathico* e da revista literária. Postergamos para um momento posterior nesse artigo, a análise dos membros desse grupo literário. Nosso objetivo aqui é chamar atenção para a relação entre indivíduos com relações

⁹ *Oásis*, 9 de Setembro de 1894, p.1

¹⁰ Faziam parte do grêmio literário “Le Monde Marche”: Alfredo Carvalho, Benevuto de Oliveira, Uldarico Cavalcanti, Cornélio Leite, Aurélio Pinheiro, Antônio Soares, Galdino Lima, Cícero Moura, Pedro de Alcântara de Melo, Tobias Rocha, José Próspero Fernandes, Carlos L'Eraistre, Sebastião Fernandes, Raul Fernandes de Oliveira, Érico Souto, Elias Souto Filho, entre outros nove nomes. Embora note-se aqui a participação de Elias e Érico Souto, filhos de Elias Souto (interventor e fundador do jornal de oposição *Diário do Natal*), nenhum desses literatos ocuparam importantes cargos políticos durante o governo da família Albuquerque Maranhão. Informações retiradas de: SÓCIOS DO “LE MONDE MARCHE”, *OÁSIS*, 15 de Janeiro de 1895. Ano II, p. 4

¹¹ A *Revista do Rio Grande do Norte* circulava mensalmente e era vendida no valor de 8 mil conto de réis, a assinatura por semestre, e de 15 mil conto de réis, por ano. O preço avulso saía pelo preço de 2 mil réis.

¹² REVISTA DO RIO GRANDE DO NORTE. *A REPÚBLICA*, 11 de Janeiro de 1898, p. 1.

próximas ao Estado oligárquico e a publicação de uma revista que se propunha a fazer “literatura, crítica, história e direito”¹³. Além da publicação do jornal oficial *A República*, o grupo político dominante do Estado também interveio na produção literária e incentivou a formação de uma cultura letrada específica na cidade de Natal.

A atuação do Estado regula o funcionamento dos demais campos, entre eles, o campo cultural, por meio de apoio e financiamento (BOURDIEU, 2011a, p. 15). O Estado oligárquico não apenas influenciou a produção de um periódico voltado para o desenvolvimento literário, como também interveio nas atividades destinadas às produções culturais dos “filhos da terra”. A Lei n. 145, de 6 de Agosto de 1900, compete o governo a premiar livros de literatura e ciência publicados pelos escritores nascidos no estado, ou que mantinham moradia. O prêmio consistia na publicação desses livros financiada pelo próprio estado¹⁴. A relação entre o grupo político no Rio Grande do Norte e a veiculação de uma revista de cunho literário, bem como a existência ou ausência de articulações entre membros políticos e homens de letras, que se misturam e se confundem, nos estimula a discussão das posições sociais ocupadas no espaço social da produção cultural na cidade republicana natalense.

O microcosmo literário natalense: os consagrados e os ignorados

Os microcosmos sociais estão inseridos no *espaço social*. Eles consistem em tipos de campos, que apresentam suas próprias leis, regras, estruturas e estratégias, e que produzem obras culturais, tais como: campo artístico, campo científico, e, entre eles, o campo literário. O *microcosmo literário* “é um espaço de relações objetivas entre posições de agentes sociais” (BOURDIEU, 2011a, p. 60). Possui suas leis e regras específicas, e é, por excelência, um espaço de conflitos, uma vez que os agentes inseridos nesse espaço, ocupando posições sociais, lutam ou para transformar ou para conservar a estrutura da distribuição de capitais simbólicos. Entender o *microcosmo literário* natalense não consiste em concentrar-se nas obras culturais produzidas por esses agentes, mas “em determinar que grupos produziram esses objetos” (BOURDIEU, 2011a, p. 61). Portanto, analisar as relações entre os agentes sociais dos grêmios “Le Monde Marche” e *Polymathico* refletem possivelmente a teorização de Pierre Bourdieu acerca do *microcosmo literário*.

¹³ REVISTA DO RIO GRANDE DO NORTE. Novembro e dezembro, 1898. N. 8 e 9. P. 2

¹⁴ ACTOS LEGISLATIVO. *A REPÚBLICA*. 22 de Agosto de 1900. P. 1. A Lei n. 145 foi decretada no dia 6 de Agosto de 1900, pelo governador Alberto Maranhão e o secretário Henrique Castriciano.

No ano de 1898, as duas agremiações literárias intensificaram o ânimo intelectual da capital potiguar. Ambas, como já mencionado, publicava seus periódicos divulgando seus escritos literários carregados de modelos estéticos específicos desses grupos, bem como temas diversificados e ideais. O relacionamento entre as duas associações culturais traduzem conflitos e as regras de funcionamento do universo literário na cidade de Natal. Ainda que os grêmios fossem constituídos por membros distintos, os dois grupos literários eram responsáveis pelo que se produzia no campo cultural da urbe e encontraram-se – durante os anos de 1898 a 1900 – em conferências literárias que reuniam os representantes das quatro agremiações literárias do Rio Grande do Norte.

Identificamos a proximidade no que diz respeito à autoidentificação dos produtores culturais dos dois grêmios como os intelectuais da cidade de Natal. Observando as publicações nos periódicos *A República*, a revista *Oásis* e a *Revista do Rio Grande do Norte* quanto ao caso Dreyfus e a perseguição do governo francês ao intelectual Émile Zola¹⁵. O movimento de Manifestação à Émile Zola, na cidade de Natal foi iniciado pelo grêmio *Polymathico* mencionando pela primeira vez esse manifesto no jornal *A República*, de 20 de Março de 1898, e convocando: “o grêmio *Polymathico* solicita o sufrágio de toda mocidade do Rio Grande do Norte. Desta mocidade que nas letras começa a afirmar tão sympathica e auspiciosamente a sua existência (...)”¹⁶. No número 74, publicado em 26 de Março de 1898, o grêmio literário “*Le Monde Marche*” responde ao apelo do manifesto do *Polymathico*:

Ao ilustre dr. Antônio José de Melo e Souza, presidente do grêmio *Polymathico*. O grêmio literário *Le Monde Marche*, reunido em sessão extraordinária de hoje resolver esposar a generosa ideia do grêmio *Polymathico*, de a mocidade norte rio-grandense enviar uma mensagem de applauso e adesão ao grande homem de letras Emile Zola, pela sua posição atleta do bem e da justiça do processo Dreyfus. Saúde e Fraternidade¹⁷.

¹⁵ O caso Dreyfus é descrito por Louis Begley como o evento ocorrido na França, no qual Alfred Dreyfus foi considerado traidor do exército francês por, supostamente, redigir uma carta endereçada ao tenente-coronel alemão Schwarzkopen – conhecida como “*Le Bordereaus*” – contendo uma lista de recursos franceses que poderiam ser concedidos à Alemanha em troca de recursos econômicos. Em novembro de 1897, o irmão de Alfred Dreyfus, Mathieu Dreyfus, descobriu que o verdadeiro responsável pela carta foi Charles-Ferdinand Walsin Esterhazy. O escritor francês Émile Zola, indignado com o erro da condenação, expôs o caso no jornal literário francês *L'Aurore*. O protesto de Zola no jornal foi precedido de um manifesto, no qual o escritor reuniu as assinaturas de outros escritores, professores, estudantes e artistas em prol da inocência de Alfred Dreyfus. O manifesto de Zola foi intitulado de “*Manifesto dos intelectuais*”. Em 1898, o governo francês perseguiu Émile Zola devido ao movimento em apoio a Alfred Dreyfus. Para mais considerações sobre o caso Dreyfus ver: BEGLEY, Louis. *O caso Dreyfus: ilha do Diabo, Guantánamo e o pesadelo da História*. São Paulo: Companhia de letras, 2010.

¹⁶ A MANIFESTAÇÃO À EMILE ZOLA. *A REPÚBLICA*. 20 de Março de 1898. P. 3

¹⁷ MANIFESTAÇÃO À ÉMILE ZOLA. *OÁSIS*. 26 de Março de 1898. P.2

Ainda que possamos identificar na trama acima uma relação de proximidade entre os agentes sociais que desempenham o papel de produtores culturais na República das letras potiguares, que unem-se em defesa de Émile Zola, os intelectuais são distinguidos por meio do *habitus*, ou seja, suas práticas, bens, opções e opiniões políticas, maneiras e escolhas. As práticas determinam as diferenciações entre as posições sociais ocupadas por esses agentes no espaço social. Desse modo, os semelhantes podem estar mais longe do que aqueles que lhe são estranhos (BOURDIEU, 2011b, p. 162). Pensando as relações entre o grêmio “Le Monde Marche” e *Polymathico*, identificamos três práticas distintivas: a ocupação profissional dos agentes sociais das agremiações literárias; a existência ou ausência de *capital político*; e o espaço físico (redações, tipografias e reuniões).

Durante o fim do século XIX e início do século XX, inexistia na cidade de Natal a profissionalização da atividade intelectual. A atividade de escritor estava distante da relação de *mercado de bens simbólicos* proposta por Pierre Bourdieu. Os homens de letras em Natal, como escreveu Jeffrey Needlle (1993), referindo-se ao Rio de Janeiro, encaravam a produção cultural como “apenas intervalos agradáveis na ascensão para carreiras respeitáveis” (NEEDLLE, 1993, p. 221). Os produtores culturais natalenses atuavam em atividades paralelas, já que a ocupação de escritor era “incapaz de definir e alimentar aqueles que se valem dela”¹⁸. Analisando as ocupações profissionais dos membros das agremiações literárias discutidas, observamos uma distinção quanto ao tipo de profissão dos seus membros: de um lado, temos estudantes secundaristas e de cursos superiores compondo o grêmio “Le Monde Marche”; do outro, membros de cargos políticos compondo o grêmio *Polymathico* e o corpo editorial da *Revista do Rio Grande do Norte*:

Diretor – Antônio de Souza. Secretário: Pedro Soares de Araújo. Colaboração efetiva dos primorosos poetas: Auta de Souza e Henrique Castriciano; e do Dr. Alberto Maranhão, procurador geral do Estado e governador eleito; Dr. F. de S. Meira e Sá, presidente do Superior Tribunal de Justiça; do Dr. Augusto T. de Lyra, deputado Federal; Drs. Luiz Fernandes, Homem de Siqueira, Juvenal Lamartine e Pinto Abreu, juizes de direito efetivo; Dr. Manoel Dantas, diretor geral de instrução pública; Pedro Avelino, jornalista; Dr. Alfredo de Carvalho, Instituto Arqueológico de Pernambuco; Dr. Horácio Barrete, juiz substituto seccional; Dr. José de Berredo, Alferes José da Penha e outros¹⁹.

Segundo Pedro de Melo (2006), o *Polymathico* “era constituído pelos maiores da terra, de superioridade em posição social, facilidades materiais, enfim, tudo o quanto é

¹⁸ BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das letras, 1996. P. 270.

¹⁹ REVISTA DO RIO GRANDE DO NORTE. Novembro e dezembro, 1898. P. 2

necessário para subir na vida” (MELO, 2006, p. 12). Destaquemos cinco nomes entre os redatores/colaboradores do grêmio *Polymathico*: Antônio de Souza, Alberto Maranhão, Meira e Sá²⁰, Henrique Castriciano e Manoel Dantas²¹. Podemos afirmar que os participantes da elite dirigente norte rio-grandense atuaram na produção literária veiculada na *Revista do Rio Grande do Norte*, no qual os letrados encontravam-se ligados, profissional ou ideologicamente, ao projeto republicano da oligarquia Albuquerque Maranhão. Podemos identificar aqui, mais do que laços de amizades ou familiares. Trata-se de laços políticos e de ideais. Mesmo que a *Revista do Rio Grande do Norte* se apresentasse como periódico com objetivos literários, é plausível que as próprias publicações na revista literária refletissem interesses de um determinado projeto político. No grupo literário *Polymathico* estavam

sem dúvida os nomes mais representativos da cultura provinciana. Estão governadores, deputados federais e senadores. Estão juristas, educadores, concorrendo como poetas, literatos, jornalistas. São os donos da política, do destino do Estado, quando não havia ainda luta de classes. É o grupo dos poderosos do dia, bem distantes, bem separados dos demais grupos que fervilhavam nas rodas literárias de então (...) (MELO, 1971, p. 52)

Em contrapartida, observemos três dos principais membros do grupo “Le Monde Marche”: Alfredo Carvalho, estudante do colégio *O Atheneu* em 1894, cargo na Mesa de Renda em Areia Branca (1905) e 3º escriturário do Tesouro do Estado em 1910²² – mesmo ano que Antônio de Souza, Ferreira Chaves e Meira e Sá eram senadores do Estado; Uldarico Cavalcanti, “poeta, sai do estado para a Amazônia, onde se tornou romancista” (CASCUDO, 1998, p. 50); Aurélio Pinheiro, filho do professor e oficial da guarda nacional Onofre Pinheiro, foi escriturário do Tesouro em 1897 no qual “a arte ou as letras lhe foram apenas aquele inconsequente pecado capitoso da

²⁰ Antônio José de Melo e Souza, atuou como senador (1908-1920), governador de 1907 a 1908), deputado estadual (1892), procurador da República (1895 a 1899), redator d' A República (de 1899 a 1907). Alberto Maranhão, irmão de Pedro Velho, atuou como governador (1900-1904), deputado federal (1904-1908), deputado federal (1915-1929). E Meira e Sá, magistrado que atuou no cargo de desembargador (e presidente) do Superior Tribunal de Justiça e senador (1907-1910) pelo Rio Grande do Norte. Para maiores informações, sobre as três personalidades mencionadas, consultar: PEIXOTO, Renato Amado. Verbete ‘...’.IN: Abreu, Alzira de.(org.) *Dicionário Histórico-Biográfico brasileiro da Primeira República*. Rio de Janeiro/RJ: editora da Fundação Getúlio Vargas, 2012. (No prelo)

²¹ Henrique Castriciano atuou como secretário do governo de Alberto Maranhão (1900), foi vice-governador de Ferreira Chaves (1913), e, ainda, presidente do Congresso Legislativo. Seu irmão Eloy de Souza chegou a ocupar cargos políticos – de deputado estadual (1895 a 1897), deputado federal (1897 a 1889, 1900 a 1911, e 1912 a 1914) e senador (1914 a 1921) – durante o governo pedrovelhista. Já Manoel Dantas era bacharel em direito, juiz, jornalista, presidente da intendência em Natal (1923). Para mais esclarecimentos, ver: GURGEL, Tarcísio. Belle Époque na esquina: o que se passou na República das letras potiguar. Natal/RN: editora do autor, 2008.

²² Essa informação foi extraída de: *Almanaque administrativo mercantil e industrial do Rio de Janeiro – 1891 a 1940*. Estado do Rio Grande do Norte. P. 125. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/docreader/WebIndex/WIBib/313394>

mocidade” (COSTA, 1949, p. 50); e Antônio Soares, magistrado e poeta nascido na cidade do Açu (GALVÃO, 1949, p. 92). Diferentemente dos membros do grêmio *Polymathico*, os jovens do “Le Monde Marche”, como identificamos, atuaram em ocupações profissionais distantes dos cargos políticos do grupo pedrovelhista.

As identificações das atividades profissionais distintivas nos estimulam a pensar na distribuição desses produtores culturais no espaço social mediante ao volume do *capital político*. O *capital político* é entendido aqui como tipo de capital simbólico em que existem relações de proximidades com o governo político dominante. Enquanto os membros do grêmio *Polymathico* ocupam as posições sociais no qual há maior capital político, os membros do “Le Monde Marche” ocupam a posição oposta – onde há menor capital político.

A distribuição do capital simbólico aqui ocupa a função, por excelência, de consagrar os escritores natalenses. Entendendo o microcosmo literário imerso em um campo de poder, ou seja, um campo no qual atuam relações de força, lutas entre agentes providos de diferentes distribuições de capital (BOURDIEU, 2011a, p. 50), observamos, no espaço social dos produtores culturais na cidade de Natal, conflitos específicos no que dizem respeito às tentativas de consagração do universo literário potiguar. Enquanto os membros do grêmio *Polymathico* eram reconhecidos no *microcosmo literário* por “dar a luz as mais significativas produções literárias do ideário republicano” (MELO, 1971, p. 155), os membros do grupo “Le Monde Marche” participavam da produção cultural natalense voltados para um *campo de produção erudita*, ou seja, produziam para um público de outros escritores para o qual buscavam reconhecimento interno (MELO, 1996, p. 252).

Questionamo-nos o porquê de uma associação literária (grêmio *Polymathico*, 1897) que surgiu posteriormente ao “Le Monde Marche” (1894), ocupava a posição de grupo literário notório e consagrado. Percebemos que a ideia de consagração apresenta-se aqui com relação às articulações com o poder, e não pela quantidade de tempo existente. A notoriedade na capital das letras potiguar pertencia àqueles que estavam sob a tutela do Estado – apadrinhados ou participando ativamente dos cargos políticos do governo pedrovelhista. A consagração da agremiação *Polymathico* no *microcosmo literário* potiguar dependia “do valor pessoal de cada um de seus membros” (MELO, 1971, p. 145).

O grêmio “Le Monde Marche”, por sua vez, moveu esforços para transformar a estrutura do campo literário, almejando o reconhecimento interno como produtores culturais na cidade de Natal. Um grupo literário “mais jovem e mais pobre possuindo um nobre anseio de vencer” (MELO, 2006, p. 17). As articulações com o Estado eram

fundamentais para fazer-se reconhecer como escritor. Na Lei n. 145, decretada por Alberto Maranhão e Henrique Castriciano – ambos pertencentes ao grêmio *Polymathico*, a premiação das obras literárias para publicação era decidida por uma comissão avaliadora composta por um membro da instrução pública e dois letrados designados pelo governador (SOUZA, 2008, p. 160). Isto indica que a faculdade de dizer “quem era escritor” dependia dos membros do grupo *Polymathico*, e, por excelência, por indivíduos que ocupavam cargos políticos. Assim, a concentração de *capital político* produziu posições sociais distintas entre os agentes sociais.

A terceira e última característica distintiva a ser observada diz respeito aos espaços destinados aos encontros das duas agremiações literárias. Como já mencionado, o grupo produtor da *Revista do Rio Grande do Norte* mantiveram seu escritório de redação na rua Dr. Barata, número 5, localizada no bairro comercial da Ribeira. Quanto aos pontos de encontros, as reuniões do grêmio *Polymathico* e suas conferências literárias ocorriam nos salões do Congresso Legislativo²³. Um segundo espaço destinado aos encontros dos membros do grupo literário consistia no cantão Urbano Hermilo²⁴. Em contrapartida, o grêmio “Le Monde Marche” reunia-se no cantão da Potyguarania²⁵, localizado na Rua Vigário Bartholomeu, e promoviam as reuniões dos membros do grêmio nos salões do colégio secundarista o *Atheneu Norte rio-grandense*. No que respeita a sua redação, o escritório do “Le Monde Marche” era mantido em um “*bureau* – cubículo situado nos fundos do prédio então ocupado pela Chefatura da Polícia à Rua Conceição, número 44” (MELO, 2006, p. 18).

Se por um lado, os espaços de reuniões sustentados pelo grêmio *Polymathico* consistem nos espaços que indicam uma posição superior, como, por exemplo, a ocupação do Congresso Legislativo para as sessões do grupo literário – espaço que representa o poder do Estado – e uma redação própria e bem localizada; por outro, o “Le Monde Marche” dispunha de um espaço menor, localizado no fundo de um prédio de outras funcionalidades e do colégio Atheneu, instituição escolar em vínculo com o desenvolvimento cultural, visto que se destinava àqueles que pretendiam desenvolver-

²³ GRÊMIO POLYMATHICO. A *REPÚBLICA*. 08 de Março de 1898. P. 3

²⁴ Os cantões eram espaços destinados a reunir determinados grupos na cidade. Urbano Hermilo era empregado da Fazenda do Estado. Sua residência, localizada na Rua Nova – atual avenida Rio Branco – servia de local de reunião destinado a discussão de arte e literatura. O cantão era frequentado por Alberto Maranhão, Henrique Castriciano, Manoel Dantas e Pinto de Abreu. Mais informações sobre cantões na República em Natal, conferir: MELO, Pedro de Alcântara Pessoa de. *Natal de ontem: figuras e fatos de minha geração*. Natal /RN: Sebo Vermelho, 2006.

²⁵ O cantão do café *Potyguarania* era de propriedade de Ezequiel Wanderley. O cantão contava com a frequência de Uldarico Cavalcanti, Antônio Marinho, Aurélio Pinheiro, Alfredo Carvalho e os irmãos Wanderley (Renato e Segundo). “Cantão de gente moça, trocando ideias sobre jornalismo, artes e letras, tudo quanto nesse momento atraía a atenção da cidade” (MELO, 2006, p. 16).

se na produção cultural da cidade de natal. De acordo com Bourdieu, “quaisquer divisão e distinção do espaço social (alto/baixo, esquerda/direita, etc.) se exprimem real e simbolicamente no espaço físico apropriado como espaço social reificado” (BOURDIEU, 2001, p. 164). Desse modo, podemos pensar que as posições do espaço social retraduzem-se no espaço físico. Os “melhores, maiores, mais bem localizados” espaços são ocupados pelos agentes sociais que fazem parte do grêmio *Polymathico*, retraduzindo as posições sociais ocupadas no espaço social dos produtores culturais na cidade de Natal para os espaços físicos.

Considerações Finais

Pontuando as relações de dependência do coletivo intelectual para com o grupo político pedrovelhista, bem como as tensões e relações entre intelectuais e políticos, podemos perceber que as posições no espaço social foram conduzidas por uma desigual distribuição do capital simbólico – enfatizado aqui como *capital político* – inserido nesse espaço. Situamos a nossa discussão pensando espaço social retraduzido pelo *habitus* e o *habitus* estruturado por duas instituições culturais dos agentes sociais – isto é, as agremiações literárias. O *habitus* identificado no microcosmo literário na República das letras potiguar produziu mais uma diferenciação entre os que se reconheciam como semelhantes, ou seja, responsáveis pelas produções culturais na urbe natalense do que uma aproximação e determinação de posições sociais específicas. Nessa lógica, pensamos o *habitus* como coletivo relacionado a grupos, e não relacionado a agentes singulares.

O esforço simbólico de constituição e de consagração necessária para criar um grupo unido foi bem sucedido devido à proximidade dos agentes sociais, disposições e interesses associados a essas posições²⁶. Nessa lógica, as articulações com ocupantes de cargos políticos no governo pedrovelhista – ou mesmo os que mantinham, concomitantemente, a atividade de amanuense e escritor – foram práticas determinantes para que dentro desse grupo de produtores culturais se estabelecesse uma distinção de posições no espaço social. A dependência, apoio e financiamento do grupo político dominante também foram fundamentais para a consagração dentro do universo literário potiguar, ocasionando lutas por um grupo que almejava esse reconhecimento erudito interno. As posições e tensões sociais não se restringiram apenas a representações simbólicas, mas foram capazes de retraduzir no próprio espaço

²⁶ BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas/SP: papirus, 2011. 11 ed. P. 51

físico ocupado por esses agentes, legitimando a consagração do grupo *Polymathico* e destinando ao “Le Monde Marche” a posição de “marginalizados”.

CARTAS Y PODER: EL MICROCOSMOS LITERARIO EM LA CIUDAD DE NATAL (1894-1900)

Resumen: En el cambio del siglo XIX al XX, la ciudad de Natal ha experimentado un importante desarrollo cultural, encabezado por grupos de intelectuales con sus producciones culturales, ya sea a través de la edición de libros (corto), ya sea a través de colaboraciones en revistas excepcionales. La hermandad literaria "Marche Le Monde" (1894) y Polymathico (1897) fueron dos de las asociaciones que se reunieron los hombres de letras responsables por la producción cultural en Natal. El objetivo de este trabajo es analizar la formación y las actividades de estos grupos en el universo literario de Natal (1897-1900). Así que tenemos la intención de discutir las similitudes, los conflictos, las articulaciones y las posiciones sociales ocupadas por estos grupos en el espacio social de los productores culturales en Natal.

Palabras clave: espacio social; microcosmos literario; Monde Le Marche; Polymathico; Natal.

REFERÊNCIAS

Fontes

Almanaque administrativo mercantil e industrial do Rio de Janeiro – 1891 a 1940. Estado do Rio Grande do Norte. p. 125. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/WebIndex/WIBib/313394>. Acessado em: 20 de Julho de 2012.

A REPÚBLICA, 11 de Janeiro de 1898, p. 1.

_____, 08 de Março de 1898. P. 3

_____, 20 de Março de 1898. P. 3.

_____, 22 de Agosto de 1900. P. 1.

OÁSIS. 9 de Setembro de 1894. P.1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=223980&pasta=ano+189&pesq>. Acessado em: 21 de Julho de 2012. (Fundação Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital Brasileira)

_____. 15 de Janeiro de 1895. P. 4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=223980&pasta=ano+189&pesq>. Acessado em: 21 de Julho de 2012. (Fundação Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital Brasileira)

_____. 26 de Março de 1898. P. 3 (Acervo da Academia Norte Rio-Grandense de Letras).

REVISTA DO RIO GRANDE DO NORTE. Novembro e Dezembro, 1898. N. 8 e 9.

Bibliografia

BEGLEY, Louis. *O caso Dreyfus: ilha do Diabo, Guantánamo e o pesadelo da História*. São Paulo: Companhia de letras, 2010.

BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre/RS: editora Zouk, 2011a. 2ª Ed.

_____. *As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das letras, 1996. P. 270

_____. *Meditações Pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas/SP: editora papirus, 2011b. 11 ed.

CASCUDO, Luís da Câmara. Uldarico Cavalcanti. In: _____. *Alma Patrícia: crítica literária*. 2ª Ed. Natal/RN: Fundação José Augusto, 1998.

COSTA, Américo de Oliveira. Aurélio Pinheiro: tentativa de estudo crítico e biográfico. *Revista da Academia Norte Rio-grandense de Letras*. Ano XVII. Número 07. 22 de Dezembro de 1949.

FERNANDES, Luiz. *A Imprensa periódica no Rio Grande do Norte (1832 a 1908)*. Fundação José Augusto: Sebo Vermelho, 1998.

GALVÃO, Hélio. Antônio Soares, poeta e historiador. *Revista da Academia Norte Rio-grandense de Letras*. Ano XVII. Número 07. 22 de Dezembro de 1949.

GURGEL, Tarcísio. *Belle époque na esquina: o que se passou na República das Letras Potiguar*. Natal/RN: editora do autor, 2009. P. 120.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Cia das letras, 2001.

MELO, Manoel Rodrigues. Grupos literários na Província. *Revista do Instituto História e Geográfico do Rio Grande do Norte*, Natal/RN, volumes LVI – LVII – LVIII, 1971.

_____. *As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

MELO, Pedro de Alcântara Pessoa de. *Natal de ontem: figuras e fatos de minha geração*. Natal/RN: Sebo Vermelho, 2006.

NEEDLLE, Jeffrey D. *A bellé époque literária no Rio: o fim do século XIX brasileiro*. In: _____. *Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

PEIXOTO, Renato Amado. Verbete ‘...’IN: Abreu, Alzira de.(org.) *Dicionário Histórico-Biográfico brasileiro da Primeira República*. Rio de Janeiro/RJ: editora da Fundação Getúlio Vargas, 2012. (No prelo)

SODRÉ, NELSON WERNECK. A grande imprensa. In: _____. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro (RJ): civilização brasileira S.A, 1966. P. 287-447.

SOUZA, Itamar de. A República Velha no Rio Grande do Norte. (Coleção História Potiguar). Natal/RN: EDUFRN, 2008.

SOBRE O AUTOR

Maiara Juliana Gonçalves da Silva – Mestranda em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Recebido em 07/03/2013

Aceito em 08/07/2013